

O Argumento a Partir da Verdade de Gordon Clark

Ronald H. Nash

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

A explicação do argumento a partir da verdade de Gordon Clark utiliza seis passos.²

1. A verdade existe.
2. A verdade é imutável.
3. A verdade é eterna.
4. A verdade é mental.
5. A verdade é superior à mente humana.
6. A verdade é Deus.

1. “A verdade é existe.” Clark estabelece esse ponto nos lembrando da natureza auto-destruidora de qualquer tentativa de negar a existência da verdade.³ Visto que o ceticismo é falso, deve existir conhecimento; e se existe conhecimento, deve existir o objeto do conhecimento, a saber, a verdade.

2. “A verdade é imutável.” É impossível que a verdade mude. Como Clark disse, “A verdade deve ser imutável. O que é verdade hoje sempre tem sido e sempre será verdade.”⁴ Para Clark, todas as proposições verdadeiras são verdades eternas e imutáveis. Ele não aceitava visões pragmáticas da verdade que implicam que o que é verdade hoje pode ser falso amanhã. Se a verdade muda, então o pragmatismo será falso amanhã – se, de fato, foi alguma vez verdade. A própria verdade não fica afetada pelo fato que sentenças como “eu estou digitando” é algumas vezes verdade e usualmente falsa. Visto que apresentarei um argumento longo em defesa dessa alegação mais adiante nesse capítulo, assumirei que esse problema possível pode ser respondido e passaremos para o próximo ponto de Clark.

3. “A verdade é eterna.” Seria auto-contraditório negar a eternidade da verdade. Se o mundo nunca cessará de existir, é *verdade* que o mundo nunca cessará de existir. Se o mundo perecerá um dia, então *isso* é verdade. Mas a própria verdade permanecerá, mesmo que toda coisa criada pereça. Mas suponha que alguém pergunte, “O que dizer se a própria verdade perecer?”

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em janeiro/2007.

² Para o argumento de Clark, veja Gordon H. Clark, *A Christian View of Men and Things* (Grand Rapids: Eerdmans, 1952), pp. 318ss.

³ No caso de alguns leitores terem esquecido, a afirmação “a verdade não existe” pode ser anulada perguntando-se se essa afirmação é verdadeira ou falsa. Se é falsa, então a verdade existe; e se é verdadeira, então a verdade existe.

⁴ Clark, *Christian View*, p. 319.

Então ainda seria verdade que a verdade pereceu. Qualquer negação da eternidade da verdade torna-se numa afirmação de sua eternidade.

4. “A verdade é mental.” A existência da verdade pressupõe a existência de mentes. “Sem uma mente, a verdade não poderia existir. O objeto do conhecimento é uma proposição, um significado, uma importância; ela é um pensamento”.⁵

Para Clark, a existência da verdade é incompatível com qualquer visão materialista do homem. Se o materialista admite a existência da consciência de alguma forma, ele a considera como um efeito e não uma causa. Para um materialista, os pensamentos são sempre o resultado de mudanças corporais. Esse materialismo implica que todo pensamento, incluindo o raciocínio lógico, é meramente o resultado de necessidade mecânica. Mas mudanças corporais não podem ser verdadeiras nem falsas. Uma série de movimentos físicos não pode ser mais verdadeira que outra. Portanto, se não existe nenhuma mente, não pode existir nenhuma verdade; e se não existe nenhuma verdade, o materialismo não pode ser verdadeiro. Da mesma forma, se não existe nenhuma mente, não pode existir tal coisa como um raciocínio lógico a partir do qual se conclui que nenhum materialista pode fornecer um argumento válido para sua posição. Nenhuma razão pode ser dada para justificar uma aceitação do materialismo. Por conseguinte, para Clark, qualquer negação da natureza mental da verdade é auto-refutadora. Nas palavras de Clark,

Se uma verdade, uma proposição, ou um pensamento fosse algum movimento físico no cérebro, duas pessoas nunca poderiam ter o mesmo pensamento. Um movimento físico é um evento passageiro numericamente distinto de todo outro. Duas pessoas não podem ter o mesmo movimento, nem pode uma pessoa tê-lo duas vezes. Se o pensamento fosse assim, a memória e a comunicação seria impossível... É uma peculiaridade da mente e não do corpo que o passado pode ser feito presente. Conseqüentemente, se alguém pode pensar o mesmo pensamento duas vezes, a verdade deve ser mental ou espiritual. Não somente a verdade desafia o tempo; ela desafia o espaço também, pois se a comunicação há de ser possível, a verdade idêntica deve estar em duas mentes ao mesmo tempo. Se, em oposição, alguém deseja negar que uma idéia imaterial pode existir em duas mentes ao mesmo tempo, sua negação deve ser concebida como existindo somente em sua própria mente; e visto que não foi registrada em nenhuma outra mente, não nos ocorre refutá-la.⁶

Para sumarizar o argumento de Clark até aqui, a verdade existe e é tanto eterna como imutável. Além do mais, a verdade pode existir somente numa mente.

5. “A verdade é superior à mente humana.” Com isso, Clark quer dizer que por sua própria natureza, a verdade não pode ser subjetiva e individualista. Os humanos conhecem certas verdades que não são apenas necessárias, mas universais. Embora essas verdades sejam imutáveis, a mente humana é mutável.

⁵ Ibid.

⁶ Ibid., pp. 319-20.

Embora as crenças variem de pessoa para pessoa, a verdade em si não pode mudar. Além do mais, a mente humana não é substituta para o julgamento da verdade; antes, a verdade julga a nossa razão.⁷ Embora frequentemente julgamos outras mentes humanas (como quando dizemos, por exemplo, que a mente de alguém não é tão aguçada como deveria), não julgamos a verdade. Se a verdade e a mente humana são iguais, a verdade não pode ser eterna e imutável, visto que a mente humana é finita, mutável e sujeita ao erro. Portanto, a verdade deve transcender a razão humana; a verdade deve ser superior a qualquer mente humana individual bem como à soma total das mentes humanas. A partir disso, segue-se que deve existir uma mente mais alta que a mente humana na qual a verdade reside.

6. “A verdade é Deus.” Deve existir um fundamento ontológico para a verdade. Mas o fundamento da verdade não pode ser algo perecível ou contingente. Visto que a verdade é eterna e imutável, deve existir uma Mente eterna. E visto que somente Deus possui esses atributos, Deus deve ser a verdade.

Isso tudo é diferente da afirmação que existe uma Mente eterna, imutável, uma Razão Suprema, um Deus pessoal e vivo? As verdades ou proposições que podem ser conhecidas são os pensamentos de Deus, os pensamentos eternos de Deus. E na medida em que o homem conhece algo, ele está em contato com a mente de Deus. E visto que a mente de Deus é Deus, podemos... dizer, temos uma visão de Deus.⁸

Portanto, quando os seres humanos conhecem a verdade, conhecemos também algo da natureza de Deus. Há um sentido no qual todo conhecimento é um conhecimento de Deus.

A posição de Clark em tudo isso é essencialmente correta. Desde o tempo de Clark, contudo, os filósofos no mundo de fala inglesa tendem a pensar que eles alcançaram níveis de sofisticação que fazem parecer antiquadas a maneira de Clark declarar as coisas. É digno de consideração, então, se uma certa nebulosidade na apresentação de Clark pode ser retirada. Uma forma de fazer isso é ver como Alvin Plantinga expressa o que equivale ao mesmo argumento.

Fonte: *Faith and Reason*, Ronald H. Nash, Zondervan, p. 161-4.

⁷ Para a fonte dessa visão, veja *De Magistro* de Agostinho bem como seu livro *Sobre a verdadeira religião*. Para uma exposição do argumento extremamente importante, mas complicado, do livro *De Magistro* de Agostinho, veja Ronald Nash, *The Light of the Mind: St. Augustine's Theory of Knowledge* (Lexington: University Press of Kentucky, 1969), cap. 6.

⁸ Clark, *Christian View*, p. 321. Os comentários de Clark mais adiante nesse parágrafo levantam outro problema complicado que algumas vezes passa sob o rótulo de Ontologismo. Para mais sobre isso, veja Nash, *The Light of the Mind*, cap. 8. Relevante para tudo isso é a importância de repudiar a alegação freqüentemente feita de que o conhecimento humano da natureza de Deus nunca pode ser unívoco; ele pode ser somente analógico. A fraqueza grave na abordagem analógica para com Deus foi explicada no livro *An Introduction to Christian Apologetics* de Edward John Carnell (Grand Rapids: Eerdmans, 1948), cap. 8-9, e em Ronald Nash, ed., *The Philosophy of Gordon H. Clark* (Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1968), pp. 149-51.